

CULTURA CONTRA CULTURA

josé barrias

cortes

A cultura está separada da contracultura como o sujeito da própria imagem, como o homem está separado da mulher e em si mesmos divididos, como a mãe está separada do filho, o professor do aluno, o ramo da ave. O errante sedutor erra pelo seu encantamento... "O homem trata a mulher como um fantasma, mas essa não está senão éloigné", (1) *afastada*. A cultura trata a contracultura "como o fantasma do seu sonho de repovoamento, mas esta não é senão uma mulher. O enganável encantador é enganado pela encantadora" (2). Assim se acha enganado o homem pelo seu encanto, malgrado no seu desejo e mutilado do seu sonho. Que pode o homem?

uma questão de passagem

De vista se cega, de revista(s) se morre. Da revista à cultura, à contracultura, passa um interesse que tem por ponte um desejo antigo, "romanceiro" e "familiar", porque afinal disto se trata: de "romances" e enredos, espelhos e navalhas, cadeiras ou gatos, juristas e sonâmbulos, "familiarmente", com o desejo a dar a volta inteira ao objecto cortejado. Cercado por uns cercado(s) por outros, para todos perdido e salvador, este objecto traz em si a exacta definição da errância humana: uma (des)continua, claríssima, *falha*. O pouco que se percebe às bordas desse intervalo "pode inscrever-se na pauta de uma interpretação menor" (3). *Não se compreende nada*. Cultura e contracultura definem assim os pólos de um comércio em que uma produz o *vazio* que a outra reproduz. É, no fundo, como sempre, uma *questão de passagem*, uma inevitável herança: a sobrevivência da espécie de uma espécie condenada. "A última revelação é esta de sermos os produtores inexoráveis e os inevitáveis produtos de uma ironia cuja única dignidade é descender do tormento, um tormento sempre equivocado na sua manifestação sensível" (4).

a última guerra/o último mapa

A controvérsia entre cultura e contracultura indica o equívoco da inscrição do conhecimento nos mapas. "A última guerra é simultaneamente o fim de todas as guerras, paz universal, e a mais recente das guerras" (5). A contracultura é simultaneamente o fim da cultura, universal (des)entendimento, e a mais recente das culturas. *Make love not war..... Make war wit love*: a mais recente das guerras, a mais recente das culturas, o mais recente dos "romances". A contracultura.

Os mapas da (contra)cultura "não marcam os progressos da vontade de potência (e do conhecimento), mas a indeterminação dos confins da impotência" (6) (e do não-saber). E neste sentido que se escreve *equívoco da inscrição*

do conhecimento nos mapas. Estes são o próprio registo do desconhecimento humano, político e físico, cultural. Registos de uma geografia antecipada, os mapas são as cartas e os cartazes de um saber omitido. Arbitráriamente "precedem sempre as últimas alterações de fronteira, *iludem/elidem* a última guerra" (7). É sempre incerto se o País Basco pertence à Espanha ou o Algarve a Portugal, como incerto é se o poder pertence à área da (contra)cultura ou a (contra)cultura à área do poder. O poder não tem vulto e a potência é um sonho, vontade da matéria, obscuridade (Leibniz).

a objectividade da herança

As propriedades têm proprietários. A cultura tem propriedades e enquanto proprietária, naturalmente, tem maneiras. A *apropriação* (leia-se, "boa educação), a *expropriação* (leia-se, "má educação), são os seus fantasmas. Mas os fantasmas, como se pode depreender, têm sempre uma "natureza ambígua": não são nem *próprios* nem *impróprios*, cristalizam-se na *objectividade da herança*. Cultura e contracultura debatem-se então entre resíduos transmitidos, recusados ou aceites sobre a lábil fronteira de uma legalidade sempre estrangeira. Entre (med)ida e (re)volta ambas se reconhecem dentro do inelutável espaço da herança. É que se a mulher e o homem não se assemelham, os seus filhos assemelham-lhes. A Liberdade é o outro nome de Deus. Que quer o homem? ●

- (1) — Sergio Finzi, *Lavoro dell'inconscio e comunismo*, Dedalo libri, Milão 1975, pág. 274
- (2) — *ibid.*, pág. 275
- (3) — Herberto Helder, *Photomaton & Vox*, assírio e alvim, Lisboa 1979, pág. 12
- (4) — *ibid.*, pág. 13
- (5,6,7.) — Finzi, *ibid.*, pág. 276

